

## A METAFÍSICA COMO CAMINHO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA ÉTICA

THE METAPHYSICS AS A WAY TO BUILD AN ETHICAL

Robson Pedro Veras\*

Gilson Xavier de Azevedo\*\*

### RESUMO

O propósito deste artigo é realizar um estudo teórico-bibliográfico sobre a questão da metafísica, tendo por base o pensamento de Immanuel Kant, considerando-se o que foi sistematizado por ele no período compreendido entre a publicação da primeira (1781) e segunda (1787) edição da *Crítica da Razão Pura*. Para que a discussão possa transitar de forma segura, respeitando o fio condutor natural do pensamento de Kant, faz-se necessária uma visita aos estudos pré-críticos do autor, sobre a temática em epígrafe. Essa rápida retomada histórica permitirá ao leitor a percepção do caminho que Kant escolherá para apresentar uma metafísica com uma roupagem diferente daquela vista até 1781.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metafísica. Razão. Ética. Século XVIII. Crítica da razão pura.

### ABSTRACT

The purpose of this article is to conduct a study of metaphysics, based on the thought of Immanuel Kant, considering what was systematized by him during the period between publication of the first (1781) and second (1787) edition of the Critique of Pura. Para reason that the discussion can transit safely, respecting the natural thread of thought of Kant, a visit to the pre-critical studies of the author is needed on the topic in question. This rapid historical recovery will allow the reader's perception of the way that Kant choose to present a metaphysical with a different guise from that seen until 1781.

**KEYWORDS:** Metaphysics. Reason. Ethics. XVIII century. Critique of pure reason.

---

\* Bolsista CAPES, Graduado em Filosofia, mestre em Ciência da Religião (PUC GO) e Doutorando em Filosofia pela PUC SP, (robson.veras@yahoo.com.br).

\*\* Doutorando em Ciências da Religião pela PUC-GO (2014-2016-BOLSISTA FAPEG). Mestre em Ciências da Religião pela PUC-GO (2014 - BOLSISTA FAPEG). Filósofo (Dom Felício, 1998/FAEME, 2007), Pedagogo (UVA-ACARAÚ, 2004) e Teólogo (FAETEL, 2002/MACKENZIE, 2006), (gilsoneduc@yahoo.com.br).

## INTRODUÇÃO

Esse texto tem como objetivo demonstrar de alguma forma o caminho que Kant traçou a partir da metafísica até a concepção ética da religião. Assim, esse caminho expressa um movimento histórico fundamental na história de Kant, e se dá porque, de certa forma, o autor se coloca contra o racionalismo, pois tira a necessidade de uma fundamentação metafísica da ética. Só para melhor entendermos, em Descartes, por exemplo, primeiro é necessário provar que Deus existe e, a partir disso, adquire-se um fundamento natural de concepção da moralidade.

Para a descrição racionalista a ciência é metafísica e essa metafísica deve oferecer elementos que provem a existência de Deus, a imortalidade e a imaterialidade da alma. Assim, para alguns racionalistas lidos por Kant como Descartes, Wolf e outros, havia um fio condutor que relacionava a existência de Deus com a metafísica numa descrição básica. Essa descrição básica fazia da metafísica fundamento direto para definição de uma ética.

Para o racionalismo era necessário provar inicialmente a existência de Deus e que a alma seria uma substância diferente do corpo para que, somente após isso, se compusesse todo o resto. O que Kant faz é tentar inverter essa lógica. Podemos negar a existência da metafísica porque a ética se autossustenta. O que não podemos dizer na metafísica em nível teórico podemos fundamentar na ética em prático. A nível teórico não se consegue nem provar que Deus existe nem dizer nada a respeito dele, mas a nível prático se abre caminho de dizer algo a respeito de Deus que é impossível dizer a nível teórico.

Desse modo, no racionalismo a metafísica fundamenta a ética e a partir de Kant a metafísica não é possível como ciência porém a ética se auto sustenta, inclusive além de sustentar a si mesma abre caminho para que se fundamente algum tipo de conhecimento metafísico.

## 1 A METAFÍSICA PRÉ-CRÍTICA

A metafísica pré-crítica de Kant deve ser vista sob alguns importantes pontos, a saber: a) a observação do *locus* europeu, essencialmente o alemão; b) a observação feita por Kant tanto sobre o ceticismo de Hume (SCHÖNFELD, 2000, p. 33) quanto o dogmatismo de Wolff,

além da síntese de ambos; e c) o imbróglio existente no conceito de metafísica<sup>1</sup> [empiristas, dogmáticos, céticos] o qual Kant vivenciou.

Na Alemanha e, possivelmente, em toda a Europa do início do século XVIII, havia um momento de profunda efervescência, “uma aproximação entre o mundo escolástico, o conhecimento sobre Deus e o conhecimento acerca da natureza” (GARDNER, 1999, p. 05). Esses elementos seriam condições suficientes para que a metafísica estivesse fadada a ser o elo de corroboração ante a qualquer que fosse a tese, ou seja, a metafísica poderia servir como sistematizadora da fé e até mesmo da manifestação de divindades (DESCARTES, 2004, p.66). Assim, não haveria nenhuma reflexão tautológica sobre o próprio conceito metafísico, muito pelo contrário, as junções que cercavam esse conceito eram plenamente especulativas e relacionadas a uma possibilidade transcendente<sup>2</sup>, vocacionada a admissão, por exemplo, de um ente (Deus) capaz de julgar e punir.

Acerca da metafísica, Kant se comporta, até a publicação da primeira edição da *Crítica da razão pura*<sup>3</sup> em 1781, de forma diversa. É possível ainda que Kant tenha uma postura histórica diferente em determinados períodos, indicando uma necessidade de avanço e amadurecimento ante os problemas que a temática vivia na época. Para tal, faz-se necessário observar essa característica na qual é possível uma indicação e nomeação de alguns períodos<sup>4</sup>:

[...] a primeira fase, de 1746 a 1759, é o período da obsessão (da metafísica)[...] a segunda fase, de 1760 a 1766, período de desilusão (com a metafísica) [...] a terceira fase, de 1766 a 1772, reconciliação parcial com a metafísica [...] e a quarta e derradeira fase, de 1772 a 1780, período de divórcio (ruptura com a metafísica até ali descrita) [...] (BEISLER, 1999, p. 47).

O período de 1746 a 1759 é uma época de profunda reflexão de Kant. Nessa fase ele buscava dar uma fundamentação ao entendimento da metafísica, tendo como resultado o

---

<sup>1</sup> O conceito de metafísica de Kant está contido na ideia de que seu pensamento faz parte de uma conjuntura crítica. Por isso, o criticismo kantiano, por assim se dizer, seria uma espécie de junção entre duas direções fundamentais do pensamento filosófico: o racionalismo dogmático com Descartes, Spinoza e Wolff e o empirismo cético com Bacon, Locke e Hume.

<sup>2</sup> O termo transcendente, nesse momento, corresponde a uma ideia supramundana que pairava pela Alemanha, essencialmente na primeira metade do século XVIII, dito de outra forma, esse conceito está na descrição das ações ou vontades alheias a capacidade humana de percepção, não havendo qualquer ligação com a filosofia transcendental de Kant. Acerca do termo em Kant, ver PERIN, 2008, p. 8-10).

<sup>3</sup> A sigla corresponde às iniciais do nome da obra em seu original: *Kritik der reinen Vernunft* (KrV).

<sup>4</sup> Segundo Arana (1982, p. 35) a divisão pode ser percebida em três momentos, ou seja: Em geral, resguardando as diferenças lógicas de interpretação, a maioria dos estudiosos admite uma divisão no desenvolvimento da filosofia kantiana em três etapas: 1) mais ou menos dogmática racionalista, 2) seguido por uma segunda fase caracterizada pela progressiva inclinação para empirismo e a 3) Kant avança rumo a uma nova forma de racionalismo que tem vista para criticismo.

desenvolvimento de uma epistemologia racionalista que poderia justificar, por exemplo, a possibilidade da existência de Deus, da providência, da imortalidade da alma e das primeiras causas da natureza. Nesse período os ideais de Leibniz e Wolff<sup>5</sup> estão aflorados no pensamento e em toda filosofia kantiana (ARANA, 1982, p. 34-60). É ainda no intervalo de 1746 a 1759 que Kant busca subterfúgios para a descrição de uma metafísica da natureza, ou seja, de uma metafísica que pudesse descobrir as forças inerentes das coisas (*Ding*). Para isso, Kant recorre ao estudo de Leibniz sobre as mônadas (LEIBNIZ, 2013, p. 73-90), procedendo a argumentar que “[...] todos os corpos físicos consistem de mônadas, cuja atividade consiste nas suas forças de atração e repulsão” (BEISLER, 1999, p. 55).

A preocupação de Kant com a questão das mônadas era significativa, tanto que em 1756 ele publica *Monadologia physica* (Monadologia Física). O objetivo desse texto seria o de oferecer uma fundamentação para a dinâmica, e particularmente, estabelecer a existência das mônadas. Por isso, nessa obra, Kant observou, ainda, que a doutrina metafísica da Monadologia era incompatível com geometria, dado que uma recusava enquanto a outra afirmava o infinito e a divisibilidade do espaço; o que se tornaria, mais adiante, a segunda antinomia. Assim, as mônadas não possuem qualquer janela que, por meio dela, algo possa entrar ou sair. Leibniz observou que a ação de uma substância em outra não é nem a emissão e nem o transplante de uma entidade (WATKINS, 2005, p. 28)

No período seguinte, ou seja, de 1760 a 1766, Kant assume uma postura diferente. Kant afirma que tinha clareza plena de que o objeto (*Ding*) da metafísica, para esse período ainda colocava a metafísica num patamar superior ao racionalismo. “[...] O problema era somente o de apresentar fundamentos com o cuidado necessário, e então a metafísica seria capaz de cruzar o limiar da ciência [...]” (BEISLER, 1999, p. 47). Para que esse limiar fosse alcançado, já era notório que Kant já desenhava de alguma forma, principalmente diante de sua contrariedade com o desenho que a metafísica insistia em estabelecer, certa formulação diversa sob o conceito em si da metafísica. Assim, Kant se opõe definitivamente contra o dogmatismo da razão de Wolff e tenta formular uma ciência nos limites da razão humana. A metafísica passa a cortejar a ética.

Ainda nesse período, o principal trabalho apresentado por Kant foi *Investigação sobre a existência dos princípios da teologia natural e da moral*<sup>6</sup>, escrito em 1763, com o objetivo de

---

<sup>5</sup> Toda a crítica kantiana acerca da metafísica tem as ideias de Wolff como eixo de partida.

<sup>6</sup> *Untersuchungen über die Deutlichkeit der Grundsätze der natürlichen Theologie und der Moral* – Nessa obra, o filósofo de Königsberg encontra-se diante daquilo que será a base de sua filosofia futura, ou seja, a apresentação

responder a pergunta acerca do concurso oferecido pela Academia das Ciências da Prússia, sobre a natureza das verdades metafísicas e a sua relação com as verdades matemáticas, temática oportuna para época. O contexto dessa obra é vasto, porém para esse estudo é suficiente à analítica de que a *Crítica da razão pura* começava, de fato, a ser gerada a partir dela. Para isso, cabe dizer que “a distinção entre os juízos analíticos e sintéticos<sup>7</sup> tem sua gênese na matemática” (UD AA 02: II, p. 276-278). Ali, Kant abandona, de maneira absoluta, suas certezas dogmáticas e demonstrativas e conclui que, para aquele momento, “[...] a metafísica deve se resignar com não atingir o mesmo grau de certeza e clareza da matemática [...]” (BEISLER, 1999, p. 63). Mesmo assim, Kant passa a defender que o método matemático ainda poderia fundamentar a metafísica. Para que esse problema tivesse solução, em vez do uso matemático dedutivo a metafísica deveria fazer o oposto, ou seja, seguir o método indutivo das ciências naturais (UD AA 02: II 280), essa relação foi deveras aprofundada por Kant na *Crítica da razão pura*.

O terceiro período, aquele que compreende o intervalo entre os anos 1766 a 1772, mostra atentamente que Kant não se desligou da metafísica, pelo contrário, a jornada do filósofo é entrelaçada por conceitos que dariam à metafísica uma ideia de método<sup>8</sup>. Kant, com isso, não despreza o ceticismo, pois ele era a única arma capaz de desalinhar qualquer pretensão dogmática (GUYER, 2000, p. 53). Para ilustrar melhor o pensamento de Kant, nesse o período, observe-se que “[...] a concepção da metafísica esboçada por Kant [...] parece ser a completa negação daquele que aparece nos *Sonhos*. O objetivo da metafísica não é determinar os limites da razão humana, mas nos dá um conhecimento racional do mundo inteligível [...]” (BEISLER, 1999, p. 62). Temos, com isso, uma dualidade de conceitos e não sua contradição, ou seja, de um lado temos a sensibilidade (fenômenos) e do outro a racionalidade (números). Para a sensibilidade “podemos entender o caminhar de Kant rumo à definição de espaço e tempo” (PATON, 1936, p. 223), sendo ela a receptividade de um sujeito afetado pelos objetos na

---

da total falta de princípios da lógica [razão] para implementação de conhecimentos reais sobre a natureza dos fenômenos físicos e metafísicos.

<sup>7</sup> No conhecimento analítico a informação está contida no sujeito (*a priori*), nesse caso, há uma relação tautológica seguindo o princípio de não contradição. Para o sintético, há uma relação *a posteriori* (possibilidade de um terceiro elemento – intuição empírica) - (HÖFFE, 2009, p. 55-80).

<sup>8</sup> Em dezembro de 1765 Kant escreve para Lambert afirmando que após “muitas mudanças drásticas” ele finalmente havia encontrado uma forma, um método para resolver aqueles problemas que surgem na metafísica por não haver, nela, um recorte preciso e universalmente aceito de conhecimento (PETERS, 2009, p. 230-231).

experiência (*Gegenstand*<sup>9</sup>). Já na racionalidade (atividade do sujeito) não há nenhuma criação por meio dos sentidos.

Com isso, no período de 1766 a 1772, a reconciliação parcial com a metafísica tem Kant já sugerindo uma metafísica no prumo do conhecimento científico, assim como na matemática e na física, prova disso é o salto que ele mesmo dá ao partir da forma que descrevia a metafísica nos *Sonhos* até o que já descrevia em suas conversas<sup>10</sup> (cartas) com Lambert e Mendelssohn. A metafísica começa a ser introduzida como ontologia.

Para o período de 1772 a 1780, temos uma postura de Kant mais contida, talvez por ter sido o período anterior muito conturbado e de grandes construções. Nesse período Kant propõe, acerca da metafísica, certa ruptura<sup>11</sup>. Muitos de seus contemporâneos acharam extremamente estranho o silêncio do filósofo de Königsberg, porém, esse foi o período da escrita da *Crítica da razão pura*. É possível que Kant tenha novamente reunido tudo aquilo que tivera produzido outrora, revisto as cartas à seus alunos e meditado de forma categórica sobre tudo que até ali teria produzido.

O Pensamento pré-*Crítica* de Kant tem uma característica bastante apropriada para definir a metafísica, porém há que se considerar o *status quaestionis* do conceito metafísico na Alemanha do século XVIII. Nessa época, tem-se um conhecimento que engatinha em função da tardia chegada do iluminismo (*Aufklärung*), que tem o pensamento de Aristóteles assumido de forma cega e dogmática.

O que Kant ensaia durante todo esse período e tem seu ápice na *Crítica da Razão Pura* é a tentativa de livrar o pensamento metafísico da mera ideia da coisa (*Ding*) substancialmente metafísica<sup>12</sup> e colocá-lo no centro do conhecimento como objeto da experiência (*Gegenstand*) (HOLZHEY and MUDROCH, 2005, p. 197).

---

<sup>9</sup> O uso dos termos *Objekt*, *Gegenstand* ou *Ding*, tem caráter meramente pedagógico nesse contexto, tendo em vista que esses termos são praticamente imperceptíveis nas traduções neokantianas. Na tradução de Norman Kemp Smith os termos são usados em notas de rodapé [apenas], sobretudo para identificar, nesse caso, a relação de igualdade entre o objeto de conhecimento (*Objekt*) e o objeto de experiência (KrV A93). (KANT, 1918, p. 126).

<sup>10</sup> Kant também conversou sobre essa temática com um de seus antigos alunos, nesse caso, com Herder em 1768.

<sup>11</sup> A ruptura em epígrafe é contra a estrutura cética e dogmática que viveu a metafísica até a segunda metade do século XVIII. Kant rompe com essa condição e praticamente constrói uma semântica diferente para a metafísica a partir da escrita da *Crítica da Razão Pura*.

<sup>12</sup> Aqui os conceitos utilizados de substância e de metafísica são de Aristóteles.

## 2 A METAFÍSICA NA *CRÍTICA DA RAZÃO PURA*: A DISSOLUÇÃO DO PROBLEMA

A metafísica na *Crítica da razão pura* tem por desafio natural sistematizar o conjunto de elucubrações que Kant elencou durante praticamente toda sua vida acadêmica. Dentre os problemas sobre os quais o filósofo se debruça está à busca pela resposta a pergunta: seria possível a metafísica como ciência? A resposta a essa indagação começa a ser formulada muito antes mesmo da *Crítica*, pois Kant estabelece uma metafísica inteiramente ligada a razão (potência superior de conhecimento), distante da doutrina da natureza e da antropologia. Por assim dizer, sobre a metafísica cabe o argumento de que:

[...] enquanto examinava a parte teórica, considerando o seu esboço completo e a relação recíproca de todas as suas partes, notei que algo de essencial ainda me faltava que, como os outros, eu tinha descuidado nas minhas investigações metafísicas e que, de fato, constitui a chave de todo o mistério da metafísica, que até então estava escondido de si mesma (Br 10: p. 130-131).

A questão em si é a percepção (uso dos sentidos) de como o fundamento metafísico assenta na relação entre o que chamamos de representação (*Vorstellungen*) e o objeto (*Gegenstand*). A questão que solapa o entendimento é a de que os conhecimentos teóricos deveriam, a partir do criticismo kantiano, regular-se pelos objetos e estes deveriam, ao mesmo tempo, serem conhecidos *a priori*. Isso por serem os objetos regulados pela faculdade de conhecimento. Desse modo, questões como a existência [ou não] de Deus, a imortalidade da alma e a liberdade, jamais poderiam ser objetos do conhecimento teórico, pois, à luz disso, é impossível a construção de quaisquer tipos de experiência (*Erscheinung*).

Para sanarmos, por enquanto, essa questão sobre o uso ou não da experiência na razão pura, requer observar a tradução da KrV feita por Kemp Smith, onde “[...] Não pode haver dúvida de que todo o nosso conhecimento começa pela experiência [...] apesar de todo o nosso conhecimento começar na experiência, isso não quer dizer que tudo decorra da experiência (KrV B 01). Aparentemente, o que Kant quis chamar a atenção foi a dependência entre a propriedade da metafísica e o uso racional dos sentidos. Há elementos que são racionalmente percebidos por meio dos sentidos, não requerendo de nenhuma propriedade empírica para experimentação. Por isso mesmo que os conhecimentos a priori são absolutamente livres de toda e qualquer forma de verificação empírica, por já poderem ser admitidos racionalmente por meio de toda forma de sensibilidade (KrV B 03).

### 3 AS DIVISÕES DA METAFÍSICA SEGUNDO KANT

A característica mais sublime da metafísica de Kant é a forma em que ela é subscrita, ou seja, como condição de possibilidade de se estabelecer como uma ciência constituída por conceitos puros. Uma ciência que inclua em si os conhecimentos que podem ser obtidos de forma alheia a experiência, isso com base nas estruturas racionais da mente humana. Por isso, a metafísica kantiana se apresenta como uma possibilidade de ciência racional desde sua concepção, constituindo-se como uma “disposição natural da razão” (Prol., AA 04: 365).

A metafísica teria como objetivo a tentativa de busca por certos ideais da razão, dessa forma, princípios “regidos por leis *a priori*”. Cabe dizer que “a possibilidade da metafísica como ciência depende então da possibilidade do conhecimento *a priori* por meio da razão pura” (PORTA, 2002, p. 112; HÖFFE, 2009, p. 39-40).

O estudo da KrV revela um enorme complexo, algo formulado sobre a lógica de camadas e distante de uma organização transparente e simples. No texto, mesmo os títulos de cada alínea, não identificam em si a base epistemológica a ser seguida. Isso porque a metafísica kantiana corrobora a ideia de Kant de um sistema filosófico. A partir da ideia de sistema a resposta a todos os problemas e questões da humanidade poderia estar incluída nessa lógica. Por isso, a própria metafísica, como sistema, seria responsável por dar aos seres humanos a possibilidade de conhecer as coisas do mundo (*Vorstellungen*) sem nenhuma dependência do caráter divino. Assim, é importante verificarmos a KrV em sua abrangência, de forma subdividida: a doutrina transcendental dos elementos e a doutrina transcendental do método.

Gardner (1999, p. 16) nos indica que a doutrina transcendental dos elementos, por sua vez, possui três divisões: a estética, a analítica e a dialética, sendo que a primeira se importa com a sensibilidade, com a matemática e com proposições como espaço e tempo; a segunda está preocupada com o poder de compreensão, com a metafísica de experiências e com as ciências naturais; enquanto a terceira se desdobra ante o poder da razão e com a metafísica transcendente. Acerca da doutrina do método, esta é composta por quatro caminhos<sup>13</sup>, dos quais requerem nota, para esse estudo, apenas dois: o cânone da razão pura e a arquitetura da razão. O primeiro traz ligeiramente a ideia antropológica, enquanto o segundo se preocupa com o método<sup>14</sup> kantiano.

---

<sup>13</sup> A disciplina da razão pura, o cânone da razão pura, a arquitetônica da razão pura e a história da razão pura.

<sup>14</sup> É possível que a descrição da KrV de forma fragmentada e após ela ser apresentada de forma ‘subdivida’ haja um incômodo em relação à ideia de sistema, para isso, alerta acerca da forma metodológica em que o próprio Kant distribuiu na KrV (B 860) suas ideias.



O conceito sobre a metafísica aparece na KrV de forma dupla, ou seja, como metafísica da natureza e como metafísica dos costumes. Essa dualidade na forma de percepção da metafísica contradiz a produção que se tinha sobre esse conceito na Alemanha antes do período da escrita da *Crítica*. Isso porque antes de 1781 a proposta da metafísica tinha como objeto a demonstração da relação de “nexo de causalidade entre sujeito e objeto”, o que passou a ser “a razão entre coisas em si e os seus fenômenos” (V-Tr/Pölitz AA 28: 21).

A metafísica da natureza no esquema da KrV, por assim dizer, é subscrita como Ontologia [estética e analítica], Fisiologia [física e psicologia], Cosmologia Racional [antinomias (dialética)] e Teologia Racional [ideal da razão]. Acerca dessa divisão Höffe nos adverte:

À primeira parte principal, à ontologia, respectivamente à filosofia transcendental, corresponde a Analítica dos conceitos e dos princípios, a qual seguramente, para os objetos capazes de objetividade, carece de complemento através das formas puras da intuição. E na medida em que os princípios se relacionam já com a natureza em termos da essência de objetos dados tem-se em vista, de acordo com os critérios de B 873, já a fisiologia racional, mais especificamente a física racional. A psicologia racional, em contrapartida, corresponde à primeira parte principal da “dialética”, os paralogismos. Também as demais partes tem somente uma contrapartida dialética, conseqüentemente negativa, a cosmologia racional, as antinomias e a teologia racional o “Ideal” (HÖFFE, 2009, p. 365).

Na escrita das lições de Kant, Pölitz também apresenta uma forma de divisão da metafísica a partir da KrV, faz isso nos Prolegômenos, ou seja, apresenta a metafísica também dividida em Ontologia, Cosmologia e a Teologia da razão. A Ontologia seria a “ciência básica pura de todo o nosso conhecimento a priori”. A ontologia poderia ser concebida como “uma ciência que contém o conjunto de todos os conceitos puros, o priori das coisas”. A cosmologia seria a forma de concepção da metafísica na qual seria possível a “contemplação do mundo pela razão pura, ou seja, o mundo corporal (natureza corpórea) ou espiritual (ciência do pensar), nesse caso, a física e a psicologia da razão se agregam a forma cosmológica”. Assim, a Teologia da Razão seria a última forma de percepção da metafísica (V-Tr/Pölitz AA 28: 70).

Tanto em Höffe como nas preleções de Kant, descritas por Pölitz, a forma em que a metafísica é apresentada contradiz absolutamente aquilo o que outrora era entendido, sobretudo, na Alemanha antes de 1781. A KrV tem como característica retomar a metafísica como um método que faça com que ela tenha novamente caráter científico.

É com esse enfoque que Kant desenvolve, na KrV, *A Doutrina Transcendental do Método*, essencialmente no capítulo III, com a alcunha de “A arquitetônica da razão pura”,

tratando especificamente da forma de concepção da metafísica dentro do sistema da razão. Kant faz nesse ponto da *Crítica* uma espécie de divisão pedagógica e metódica da forma em que observa a metafísica.

#### **4 A ARQUITETÔNICA DA RAZÃO PURA**

Kant é enfático ao descrever que “por arquitetônica entende-se a arte dos sistemas” (KrV A 832). Há na ideia de sistema certa pretensão, isso por tentar Kant sistematizar todo o conjunto de formas e meios dentro de um único e complexo método de exposição (HÖFFE, 2009, p. 360).

Assim, a ideia de uma arquitetônica refere-se a certa arte de construção de um sistema científico, isso pressupondo haver um conhecimento universal e necessário capaz de ser percebido como ordem, ou, quiçá, uma harmonia. O que Kant faz é tentar combinar as definições de Baumgarten (1739, p. 66), em que ele subscreve a estrutura<sup>15</sup> do conhecimento metafísico com as abordagens metodológicas e faz com que estas abordagens combinem com o que escreve Lambert em sua descrição sobre a arquitetônica.

Por assim dizer, Kant explora a arquitetônica no terceiro capítulo da “Doutrina Transcendental do Método” (KrV B 860 – B 879). Nessa parte, Kant vê possível estabelecer um sistema a partir do uso da razão, buscando, sobretudo, certa unidade de conhecimentos diversos (KrV B 860). Cabe lembrar que no início da KrV, Kant já alerta para a possibilidade de a razão humana ter uma característica natural de sistema. Assim, o filósofo seria muito mais que um ser em reflexão, sendo ele um “legislador da razão humana” (KrV B 867).

Kant delinea a arquitetônica à luz de dois objetos: o objeto natural (natureza) e o objeto da liberdade. Essa divisão subscreve a ideia de divisão existente entre a filosofia da natureza (lida com uma universalidade de coisas) e a filosofia moral que trata daquilo que deve ser (KrV A 840).

Dentro desse sistema, a metafísica possui um papel importante, pois vem sendo sistematizada desde a Dialética (KrV B 350) como um contraponto a metafísica existente no cenário alemão antes de 1781. A forma com que Kant desenha o estudo sobre a Dialética, em

---

<sup>15</sup> Para Baumgarten a metafísica seria dividida em: 1) ontologia; 2) cosmologia; 3) psicologia; 4) teologia natural. A ontologia lida com os predicados gerais do ser; cosmologia com os predicados gerais do mundo ou “ex experientia proprius” (empírica cosmologia) ou “ex notione mundi” (cosmologia rationalis); psicologia lida com os predicados da alma ou “ex proprius” (Empírica Psychologia) ou “ex notione animae” (Psychologia Rationalis); teologia natural lida com o conceito de Deus e suas operações. (BAUMGARTEN, 1739, p. 53 – 55).

si, apresenta-se como uma enciclopédia de argumentos contrários a metafísica tradicional. Por isso, a metafísica faz parte da matriz de formas de percepção do mundo à luz do processo racional, dito de outra forma, a metafísica tem como identidade a busca por corroborar o discurso a priori da realidade.

## CONCLUSÃO

Parece mesmo difícil dissociar qualquer obra kantiana do conjunto de conceitos que envolvem a metafísica ou qualquer dos temas tratados direta ou indiretamente por Kant. A KrV, por sua vez, possui uma visão mais madura e ampla sobre vários aspectos, essa forma de percepção corresponde a um conjunto de expressões que buscam, de forma racional, uma resposta final aos problemas da humanidade.

A metafísica, então, seria algo próximo àquilo que, por meio da razão, almeja uma resposta final, algo próximo do porquê dos porquês. Por assim dizer, a metafísica kantiana se ocuparia em tratar sobre as coisas em si (*Dinge an sich*). A identidade da metafísica moderna tenta ser alimentada por conhecimentos a priori, ou seja, por aqueles conhecimentos que são produzidos (e dependentes) pelo indivíduo e são isentos de toda possibilidade de experiência.

Ao nos aproximarmos daquilo que Kant descreveu como conhecimento a priori e do escopo que sua metafísica busca tratar, é possível que exista um grande crivo lógico. Essa possibilidade se dá porque Kant, em nome da metafísica, se apodera de fenômenos como se estes pudessem ser estabelecidos como coisas em si, de caráter a priori. Desse modo, não parece claro que seja a metafísica uma subscrição final da razão, principalmente porque a experiência se mostra incapaz de produzir um conhecimento (quicá metafísico) que seja universal e necessário.

Mesmo assim, Kant estabelece um grande salto, fazendo com que a metafísica pudesse ser vista pelo campo racional como uma possibilidade de que sejam conhecidas as coisas e, principalmente, sem nenhuma intervenção suprassensível.

## REFERÊNCIAS

ARANA, J. **Ciencia y metafísica en el kant pré-crítico** (1746-1764). Sevilla: Universidade de Sevilla, 1982.

BAUMGARTEN, A. G. **Metaphysica**. Halle: Hemmerde, 1739.

BEISLER, F. Kant's Intellectual Development. In: GUYER, P. (org.) **The Cambridge Companion to Kant**. United Kingdom: Cambridge University Press, 1992.

DESCARTES, R. **Meditações sobre Filosofia Primeira**. Coleção Multilíngues de Filosofia. Notas e tradução Fausto Castilho. São Paulo: Editora Unicamp, 2004.

GARDNER, Sebastian. **Kant and the Critique of Pure Reason**. New York: Routledge Philosophy Guidebook To, 1999.

GUYER, P. Absolute idealism and the rejection of Kantian dualism. In: AMERIKS, K. **German idealism**. New York: Cambridge University Press, 2000.

HÖFFE, O. Kants Critique of Pure Reason: The Foundation of Modern Philosophy. **Studies in German Idealism**, Vol. 10. Nova York: Springer, 2009.

HOLZHEY, H and MUDROCH, V. **Historical dictionary of Kant and kantianism**. Maryland: Scarecrow Press, 2005.

KANT, I. **Briefe, Erklärungen**: Fragmente aus seinem Nachlasse; h. a. g. von F. W. Schubert. Leipzig, 1842.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Trad. Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão; Introdução. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

KANT, I. **Critique of pure reason**. 5ª edição. Trad. Norman Kemp Smith. Londres: Macmillan and co, 1918.

KANT, I. **Critique of pure reason**. New York: Cambridge University Press, 1999.

KANT, I. **Investigação sobre a natureza dos princípios da teologia natural e da moral**. Tradução: Carlos Morujão, Américo Pereira e Mônica Dias. Lisboa: CEFI, 2006.

KANT, I. **Leçons de métaphysique**. Publies M. Pölitz. Trad. J. Tissot. Paris: Livrarie Philosophique de Ladrage. 1843.

KANT, I. Sonhos de um visionário explicados por sonhos da metafísica. In: SANTOS, L. R. **Escritos pré-críticos**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

LEIBNIZ, G.W. **Ensaio de teodiceia sobre a liberdade do homem e a origem do mal**. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

PATON, H.J. **Kant's Metaphysic of Experience**. London: George Allen e Unwin LTD, 1936.

PERIN, A. **O Problema da unidade da razão em Kant**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

PETERS, W. **A relação de Kant com Lambert**. Studia Kantiana, 09, 2009.

PORTA, M. A. G. **A Filosofia a partir de seus problemas**. Didática de aprendizagem e metodologia do estudo filosófico. 2. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2002.

SCHÖNFELD, M. **Philosophy of the Young Kant**. New York: Oxford University Press, 2000.

WATKINS, Erich. **Kant and the metaphysics of causality**. New York: Cambridge University Press, 2005.